

## “Lugar de escuta”:

*Reflexões a partir de experiências de leitura no “Fragata: itinerâncias literárias”*

GABRIELA NEVES RODRIGUES DA SILVA

**RESUMO:** O “Fragata – Itinerâncias Literárias” é um projeto de ensino-pesquisa-extensão que une três escolas públicas do Rio de Janeiro para fazer rodas de leitura. No presente trabalho, apresentam-se a estrutura, as metodologias e a organização do grupo, composto por estudantes de escolas, universitários (licenciandos e extensionistas) e professores. Acreditamos, no Fragata, que a educação literária deve ultrapassar a reprodução de textos canônicos e suas respectivas repercussões, priorizamos a representatividade e atualidade na escolha dos textos a serem trabalhados. Como estratégia de sensibilização, planejamos (inter)mediações, instrumentos de imersão e aprofundamento nas narrativas. Discute-se, também, a relevância da participação de uma estudante de psicologia na equipe de construção dos encontros (FREIRE, 2008), majoritariamente formada por estudantes ou formados em Letras – essa troca possibilita uma via de mão dupla que enriquece tanto a formação da extensionista como as discussões nas rodas de leitura. A cada semestre, escolhe-se um tema amplo para ser aprofundado ao longo dos encontros – na segunda metade de 2019, foi escolhida a “Escuta”. O relato de experiência narra as experiências vividas em setembro, módulo definido pelas dificuldades de escuta, divididas nos seguintes tópicos: ruído na comunicação, ser escutado, escuta caótica e o silêncio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roda de leitura. Literatura e psicologia. Lugar de escuta.

**ABSTRACT:** The “Fragata: Itinerâncias Literárias” (Fragata: Itinerant Literature, in a free translation) is a teaching-research-extension that bonds three public schools from Rio de Janeiro in order to promote reading circles. At this article, the structure, methodologies and organization of the group is presented, group which is composed by teachers and both school and university students. The Fragata team believes that literary education should overcome reproducing canonic texts and their repercussions, we prior representatives and contemporary texts when we choose our bibliography. As an awareness activation strategy, we plan (inter)mediations, immersion instruments to deepen our reading. The relevance of the participation of a Psychology student in the executive team (FREIRE, 2008), majorly composed by students and teachers focused on language studies, is also examined: this exchange allows both the enrichment of the Psychology formation and the dialogues during the reading circle. Every semester, a wide theme is chosen to be explored through the meetings – on the second half of 2019, “Listening” was elected. The experience report narrates our September practices, focused on the obstacles of listening, divided in four topics: communication noise, been heard, chaotic listening and silence.

**KEYWORDS:** reading circle. literature and psychology. place of listening.

## INTRODUÇÃO

No Rio de Janeiro, é comum observarmos aves pretas que atravessam o céu com seus bandos. Embora nem todos as conheçam pelo nome, elas são as fragatas: pássaros costeiros e itinerantes, que percorrem a cidade em largos grupos. O "Fragata: Itinerâncias Literárias" é um conjunto de rodas de leitura que acontecem em escolas públicas do Rio de Janeiro. Esse total, no entanto, é maior que a soma das partes. Todas as ações são pensadas coletivamente e culminam nos encontros em que pousamos juntos para cultivarmos algumas leituras, reflexões e afetações.

Nesse dia, sempre a última sexta-feira de cada mês, todos os professores, licenciandos, extensionistas e estudantes se reúnem. Escolhemos espaços públicos do município que dialoguem com o tema trabalhado nos encontros prévios, e os ocupamos com literatura e desejo de transformar positivamente a realidade. No Fragata, acreditamos não somente que a educação deve ultrapassar os muros das escolas, mas que o papel da literatura nelas deve ir além de delimitar períodos e estilos de escrita presentes ao longo do tempo. Barretol e Guimarães (2015) defendem a pluralidade de possibilidades de interpretação e decodificação dos textos trabalhados em aula, mais do que apresentar críticas cristalizadas às obras clássicas.

Nossas leituras são sempre orientadas para além do currículo tradicional do ensino literário escolar: priorizamos textos atuais aos canônicos, de diversas origens étnicas e sociais, e prezamos pela representatividade de gênero, raça, classe e outros. Através das rodas de leitura e estratégias de sensibilização, levantamos vozes das mais diversas fontes para com elas dialogar e aprender. Os professores e universitários se portam da forma mais horizontal possível frente aos estudantes, sempre abertos a ouvir suas distintas formas de ler e gostar ou não das propostas levadas para aquele dia.

## METODOLOGIAS

Na segunda metade de 2019, o tema escolhido para o Fragata foi justamente a escuta. A cada ano, escolhemos dois eixos temáticos para orientar os meses de trabalho, definindo assim uma divisão por módulos semestrais. Felizmente, a escuta foi elencada pela importância que se dá atualmente aos lugares de fala, em contraste com a falta de discussão sobre a postura de ouvir o que o outro tem a dizer. O "lugar de escuta" é fundamental para reconhecer as falas marginalizadas que emergem na contemporaneidade.

Cada módulo é dividido em subtemas mensais, de modo que possamos realizar uma progressão gradual em nossas atividades. O presente relato de experiência se dedica a descrever os encontros sobre as dificuldades da escuta, que ocuparam posição central no semestre sobre a escuta. Este se iniciou discorrendo sobre formas ampliadas de escuta e foi finalizado abordando a escuta da representatividade, a ponte entre a abstração acerca do que é ouvir e de fato escutar as vozes das minorias foi justamente o ato de pensar sobre os obstáculos existentes entre o dizer e o ser compreendido.

Neste texto, passaremos pelo percurso das quatro rodas de leitura que ocorreram no período mencionado acima. A estrutura do Fragata se dá a partir de uma reunião de planejamento ao início do mês, à qual atendem todos os professores, licenciandos e extensionistas das escolas participantes (componentes da equipe executora do Fragata), e em seguida dois encontros que ocorrem internamente em cada colégio. Costumeiramente, faz-se somente uma itinerância ao fim do mês, para sintetizar e elaborar sobre o subtema desenvolvido nas semanas anteriores.

Contudo, os diálogos sobre as dificuldades de escuta ocorreram em setembro, um momento particularmente importante em duas das três escolas atualmente envolvidas: o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp UFRJ) organiza um evento chamado "CAp Literário", enquanto que no Colégio Estadual André Maurois (CEAM) acontece a "Festa Literária do André Maurois"

(FLAM). O Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (popularmente conhecido como CAP UERJ, por ser vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro), nosso terceiro parceiro, esteve presente em ambos os espaços. Desse modo, tivemos duas itinerâncias, em que duas das instituições do projeto foram anfitriãs não somente do Fragata como de estudantes diversos da rede pública de ensino.

A trajetória pelo mês de setembro foi definida em uma reunião de planejamento no CAP UFRJ. Nela, como de hábito, toda a equipe executora levou sugestões de textos para o subtema combinado anteriormente. Após lermos juntos as obras propostas, selecionamos e organizamos os textos que se conectam, delineando as atividades de cada dia. Um recurso didático fundamental da metodologia do Fragata é a prática de (inter)mediações, dinâmicas lúdicas pensadas coletivamente, voltadas para a imersão nos textos e temas levantados. Através dessas mediações, abrimos vias subjetivas e afetivas para percorrer com as leituras, ampliando o contato pessoal com as narrativas.

Em adição às intermediações, nossas atividades se caracterizam pela realização de círculos, costumeiramente no chão, para que possamos todos olhar nos olhos uns dos outros ao longo das leituras e diálogos. Ao iniciarmos o trabalho com um texto, tomamos por metodologia a entrada livre na leitura em voz alta: por vezes, vivenciamos encadeamentos sequenciais das participações, em outras ocasiões temos diversas vozes unidas durante um trecho em especial ou mesmo momentos de silêncio. Desse modo, produzimos uma leitura coletiva e conectada, propiciando o encontro com o texto na esfera da experiência, sendo esta “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p. 21)

Além dessas reuniões de organização, realizam-se espaços de formação inicial e continuada de professores paralelos ao Fragata, em que se discutem os desdobramentos das rodas de leitura e o impacto que eles promovem em cada graduando e professor. Ademais, esses encontros de orientação são dedicados às leituras dirigidas de textos teóricos relacionados à educação literária, visando discutir a eficácia de

nossas estratégias e repensá-las continuamente. Espera-se que, como efeito dessa conduta, possam-se criar novas práticas e relações pedagógicas.

Nossa equipe é formada majoritariamente por estudantes e professores dos departamentos de letras das escolas. Entretanto, a autora do atual trabalho estuda psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o que proporciona intervenções diferenciadas especialmente nos encontros do CAP UFRJ. Forma-se, assim, uma via de mão dupla: a formação da universitária é enriquecida pela vivência literária, enquanto a perspectiva psicológica traz visões e nuances novas para o debate em torno dos textos, poemas e conversas decorrentes das atividades.

## PONTES ENTRE A PSICOLOGIA E A LITERATURA

**J**osé Célio Freire (2008) defende que a formação em psicologia, por ter a alteridade e a empatia como dois dos pilares para uma boa atuação profissional, tem muito a crescer a partir do contato com a literatura. Para o autor, a boa leitura é um instrumento de formação ética, uma ferramenta de experimentação da realidade humana em suas mais diversas facetas, da fisiológica à subjetiva. “A literatura, [...] pela via da estranheza e da estraneidade, nos impeliria na direção de nossa própria diferença” (FREIRE, 2008, p. 7). O leitor se defronta com afetos e visões de mundo diferentes das próprias, o que é ainda mais benéfico para futuros psicólogos que para o público geral.

Além disso, Freire (2008) aponta que diversos saberes acerca da experiência emocional e dos dilemas morais humanos estudados pela psicologia estão registrados há séculos em livros e outras produções literárias. No contexto de uma roda de leitura, a futura psicóloga faz pontuações aprofundadas sobre a subjetividade contida nos textos, ao mesmo tempo em que absorve conhecimentos tanto das obras quanto das repercussões que elas causam no grupo. O tema da escuta, em particular, é de profundo interesse para a psicologia, por ser uma das principais vias para realização de análises e exercícios de alteridade.

*[...] Frequentemente, em discussões, estamos apenas aguardando a deixa ideal para inserir um argumento que já tínhamos pensado. Isso gera uma escuta parcial em que se buscam somente palavras-chave na fala do outro para que se possa replicar, ao invés de se conectar e trocar com a outra pessoa.*

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

**N**osso relato de experiência acerca do mês de trabalho sobre dificuldades de escuta é uma costura a partir do diário de campo da extensionista que cursa psicologia, escrito com base nas experimentações feitas dia a dia em nosso campo – as escolas participantes, mais especificamente as rodas de leitura que criamos em cada uma delas. Na posição de estudante, que há poucos anos estava no ensino médio, a convivência próxima com adolescentes de diversas realidades que, em contrapartida, vivem momentos tão típicos dessa idade promove vínculos ternos e partilhas prazerosas entre todos. A extensionista da psicologia ocupa um lugar singular entre o aprendizado constante e a participação ativa na construção dos encontros.

O primeiro dia trabalhando dificuldades de escuta focou nos ruídos que podem surgir em diálogos desafiadores. O exemplo mais nítido do rumo sem sentido que uma conversa pode tomar foi o primeiro ato da peça dramaturgica Esperando Godot (BECKETT, 1953). Os personagens aguardam Godot, algo ou alguém desconhecido e que atravanca toda a compreensão entre os amigos. Produzir sentido é quase impossível, posto que eles não escutam realmente o que o outro tem a dizer. Nesse dia, nossa inter(mediação) foi baseada em jogos bastante comuns em aulas de artes cênicas: em um deles, deveríamos contar uma história sem planejar anteriormente nada além de seu início e seu fim, de forma que cada frase começasse com uma letra, respeitando a ordem alfabética. Para isso, nós estávamos sentados em roda e, na ordem sequenciada, cada um diria uma frase a letra que lhe cabia.

Essa dinâmica divertida suscitou refle-

xões sobre a dificuldade acompanhar a história, planejar o que dizer e ainda assim estar disponível para ouvir a frase imediatamente antes da sua. Frequentemente, em discussões, estamos apenas aguardando a deixa ideal para inserir um argumento que já tínhamos pensado. Isso gera uma escuta parcial em que se buscam somente palavras-chave na fala do outro para que se possa replicar, ao invés de se conectar e trocar com a outra pessoa.

Outro texto lido no dia foi um capítulo de A Hora da Estrela (LISPECTOR, 1977), em que Macabéa tenta conversar com Olympio e, no entanto, eles estão em completa desarmonia. Ele trata de assuntos extremamente concretos, enquanto que a sutileza do que ela declara não o atinge. Olympio escuta somente o sentido literal do que ela diz, filtra só o que lhe interessa das palavras de Macabéa. Algo muito semelhante aconteceu em nosso jogo.

A próxima etapa, na semana seguinte, abordou os obstáculos para se sentir ouvido. Esse recorte passou desde situações simples, como uma criança que não quer festa de aniversário e não consegue evitar que sua família organize o evento (MIRISOLA e LONZA, 2012), até contextos mais complexos e enraizados em preconceitos sociais, como a aceitação da própria transexualidade no núcleo familiar. Para esse último, lemos o poema “Mulher depois”, presente na obra O útero é do tamanho de um punho (FREITAS, 2012). Refletimos sobre como, às vezes, mesmo que estejamos dizendo ou demonstrando o que pensamos e sentimos, não nos sentimos escutados. Nossa estratégia de sensibilização foi um contraponto a essa sensação: coletamos retratos antigos em revistas e arquivos, e nos dedicamos a tentar entender o

que cada expressão dizia, o que as feições daqueles desconhecidos poderiam comunicar.

No poema de Freitas (2017), o corpo que passou pela cirurgia de redesignação sexual diz muito sobre a história daquele indivíduo, e mesmo assim é silenciado. Lidando com adolescentes, dialogamos de forma franca e acolhedora sobre expressões de gênero e orientações sexuais. Esse foi um momento delicado e acolhedor, no qual pudemos escutar experiências, angústias e esperanças uns dos outros. A partir da escuta de rostos desconhecidos, ampliamos nossa atenção dentro do próprio grupo.

A primeira itinerância desse mês atípico foi no CAP Literário, cujo tema em 2019 foi o caos. Assim, optamos por seguir nossa trajetória pela escuta caótica, pela escuta interrompida e distorcida. Para isso, a entrada na biblioteca (local escolhido para nossa atividade) estava escura e envolvia a repetição em áudio de um convite para entrar na sala. Em seguida, traçamos um arco entre dois textos tão opostos quanto complementares: o primeiro era um livro infantil chamado “Meia palavra não basta” (VENEZA, 2009), ilustrado e alegre, sobre a confusão causada por ouvir metade de uma informação e interpretar sentidos falsos a partir disso. Em contraste absoluto, o poema (sem título) escolhido (LEÃO, 2018) para ser lido em seguida retratava uma mulher que, a partir do silêncio que resta após a perda de seu parceiro, presta minuciosa atenção a todos os ruídos presentes em seu cotidiano para preencher o silêncio deixado pela sua ausência.

Esse texto foi o motivador para a primeira dinâmica que propusemos: construímos uma sinfonia de barulhos, convidamos cada participante da roda a gravar um minuto de áudio emitindo algum som com objetos da biblioteca, para que reproduzíssemos todas as gravações simultaneamente. Como resultado, obtivemos uma caótica mistura de folheados de livros, tilintares de chaves e outros sons. O balanceamento dos textos aconteceu entre a leveza de um e o peso do outro, entre o ou-

vir sem atenção e a concentração forçada. Essa conversa foi capaz de alcançar desde as crianças (faixa etária que não costuma estar no Frágata) até os professores e responsáveis de estudantes. O teor lúdico afeta a todos, e assim finalizamos nosso espaço com uma brincadeira resultante da mistura entre a mímica e o “telefone sem fio”: em fila indiana, o último da fila receberia um verso ou frase célebre da literatura brasileira e deveria ser capaz de reproduzir o trecho através de gestos para o colega da frente. Isso se repetiu com cada um individualmente, até que o primeiro da fila, alheio a todas as mímicas anteriores, deveria supor qual era o sentido original do verso.

Nessa jornada do diálogo ilógico, até a construção de um sentido no silêncio e nas meias palavras, chegamos finalmente à parada final daquele mês: a FLAM, que nos recebeu para debater os ecos e dissonâncias. Pensamos sobre aquilo que ecoa dentro de nós e quais os limites do eu, instigados pela “câmara de ecos” do poema homônimo contido no livro de Waly Salomão (2017). Memórias ressoam na história pessoal do eu lírico, que cresceu sob cuidados protetores que criavam paredes entre ele e o outro. Em contrapartida, lemos a crônica “Silêncio”, presente em Um verso e mei (BASTOS, 2017) em que, por conta da afobação, a autora não conseguiu ouvir completamente um senhor que lhe disse para sentar e comer com calma. A serenidade do idoso ressoou nela, que considera ter compreendido somente o essencial de suas palavras.

Ao mesmo tempo em que discutimos sobre os empecilhos de só entender parte do que devemos escutar, não é necessário entender demais, ou se ater a minuciosidades, ou seja, tudo compreender plenamente. Salomão (2017) cruza a linha de fronteira entre ele e o outro, que só será compreendido se puder ser ouvido. Bastos (2017), embora tenha tido dificuldade em captar todas as palavras dirigidas a ela, foi capaz de absorver a mensagem do senhor por estar com a escuta atenta acima dos sons urbanos. Propusemos, afinal, que pudéssemos transmitir só o necessário e exercitássemos uma escuta para além das

palavras: cada participante da roda poderia ir comunicar algo aos outros utilizando poucos gestos. A beleza desse jogo foi o aparecimento de abraços, danças e sorrisos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A**o longo do percurso de setembro, enfrentamos todas as adversidades que com as quais a escuta aberta pode se defrontar. No fim das contas, o mais importante era sentir genuinamente o que era dito, com ou sem palavras, ao invés de investir energia em responder. Mesmo o silêncio deve ser ouvido, há inúmeros sentidos naquilo que não se diz com palavras.

Considerando a atual conjuntura brasileira, notamos que a polarização tomou conta dos diálogos no país e que a escuta se tornou extremamente obstruída. Somente assumindo um lugar de escuta podemos aprender sobre as implicações de nossos privilégios, sobre a opressão resultante da desigualdade que nos privilegia assim como refletir sobre nossas próprias vulnerabilidades enquanto oprimidos. Pouco adianta competir por maior destaque e audiência para nossos discursos se não formos capazes de exercitar nossas capacidades de alteridade e empatia. São essas aptidões que nos capacitam para perceber o discurso do outro como legítimo mesmo quando nossas vivências são diferentes e, assim, desconstruirmos preconceitos e paradigmas enraizados.

A interseccionalidade faz-se necessária nas discussões sobre a sociedade em que vivemos. A partir de leituras múltiplas em um único trajeto de leituras no Fragata, esperamos ter proporcionado um acúmulo de escutas que se atravessaram em tantos momentos, através dos textos, mediações e diálogos francos que realizamos. A experiência coletiva de leitura ensina muito sobre o momento de falar e o momento de calar, sobre quando faz sentido combinar vozes para fortale-

cer um verso ou quando é preciso um momento de quietude para absorver o discurso do outro. Acreditamos profundamente na potencialidade da literatura para proporcionar aos estudantes uma formação que os tornem seres humanos sensíveis, críticos e abertos para assumirem a escuta como postura política.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, R. G.; GUIMARÃES, G. C. O ensino da leitura no discurso pedagógico contemporâneo. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 573-590, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v40n2/2175-6236-edreal-46065.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

BASTOS, M. **Um verso e mei**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

BECKETT, S. **Esperando Godot**. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

FREIRE, J. C. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Fortaleza, v. 60, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v60n2/v60n2ao2.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

FREITAS, A. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

LEÃO, R. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta, 2018.

LISPECTOR, C. **A Hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MIRISOLA, M.; LONZA, F. **Teco, o Garoto Que Não Fazia Aniversário**. São Paulo: Barcarolla, 2012.

SALOMÃO, W. **Algaravias: câmara de ecos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VENEZA, M. **Meia palavra não basta**. São Paulo: Atual Editora, 2009.

## SOBRE A AUTORA

Gabriela Neves Rodrigues da Silva é estudante de psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participa e é bolsista do projeto de ensino-pesquisa-extensão “Fragata: itinerâncias literárias” desde agosto de 2018.

Link para Currículo Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/9141633277444421>.